



*Amanda Oestreich, Bruna Sales,
Giovanna Reis e Marina Sakai*

CAPITOLINAS

Por elas, para elas



—
Editora
Cásper
—

São Paulo, 2020





Copyright © Editora Cásper, 2020
Capitolinas © Amanda Oestreich, Bruna Sales, Giovanna Reis e
Marina Sakai, 2020.

Editora
Profª Cândida Almeida

Revisão de texto
Amanda Oestreich, Bruna Sales, Giovanna Reis e Marina Sakai

Projeto gráfico, capa, diagramação e ilustrações
Amanda Oestreich, Bruna Sales, Giovanna Reis e Marina Sakai

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

X000a	autores, Diversos
Capitolinas: por elas, para elas / Amanda Oestreich, Bruna Sales, Giovanna Reis Marina Sakai; ilustrado por Giovanna Reis- São Paulo : Edirora Cásper, 2020. 32p. : il. ; 14cm x 21cm	
ISBN: 978-00-0000-000-2	
1. Jornalismo - Editoração. 2-Livros - Design. I- Título	
2020-XXX	CDD - B869.1 CDD - B821.134.3(81)-1

Elaborada por Uma Bibliotecária Específica - CRB-0/0000

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura:

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Cásper
Avenida Paulista, 900
cep 01033-001 São Paulo - SP, Brasil

Às mulheres.



Capitu na literatura

CAPITOLINAS

SUMÁRIO

Capitu na literatura	6
Contos & Crônicas	9
Poemas	26
Jornalismo literário	35
Capitu recomenda	43
Filmes	46
Livros	53



CAPITU NA LITERATURA



Capitu na literatura

*Talvez eu seja
O sonho de mim mesma
Criatura-ninguém
Espelhismo de outra
Tão em sigilo e extrema
Tão sem medida
Densa e clandestina*

*Que a bem da vida
A carne se fez sombra.*

*Talvez eu seja tu mesmo
Tua soberba e afronta.
E o retrato
De muitas inalcançáveis
Coisas mortas.*

*Talvez não seja.
E ínfima, tangente
Aspire indefinida
Um infinito de sonhos
E de vidas.*

- Hilda Hilst





POR AMOR

Giovanna Reis

— Tá tudo bem não, na verdade, mas disso você já sabia. É, eu sei, força do hábito. Relaxa. Mas é isso, eu não tô bem não. E não é tristeza, é ódio, juro. Quer dizer, tem um pouco de tristeza e culpa, mas também tem raiva, desespero, medo, nojo. Dele e de mim. E você me ligou na hora certa. Hoje eu não queria ter acordado, tava quase perdendo os lados uns cinco minutos antes de dar o horário da consulta, eu juro. Porque você sabe que eu tô em confinamento duplo, né? Meu pai te falou. Só a pandemia não tava suficiente, não, a burra aqui tinha que ir atrás de homem e desgraçar a vida de todo mundo. E agora eu vivo com medo, meu pai vive com medo, minhas amigas. Já já você também vai estar com medo, porque ele descobre e ameaça todo mundo que fala comigo. Parece que ele vê com meu olho, ouve com meu ouvido, tá em todo lugar, parece Deus. O Diabo.

Querida voltar no tempo e nunca ter entrado naquele site, dar um tapa na minha cara e quebrar o computador. Acho que você já sabe, sei lá o que meu pai te falou,

mas eu conheci ele na internet no final de julho. Meu pai sempre me disse pra tomar cuidado com gente na internet, porque as pessoas são ruins e na internet elas são mais ainda. E eu ouço meu pai, eu juro, mas é que desde pequena tenho essa mania de achar que nada acontece comigo, que só dá merda na vida dos outros. Fui idiota mesmo e comecei a contar minha vida inteira pro cara. Igual eu tô fazendo agora com você, é, mas sei que você não é estranha, eu só não te conheço. Duvido que você entraria num bate-papo online e ia cair no papinho de um desconhecido. E mesmo se caísse, você não ia inventar de ir passar uns dias na casa dele uma semana depois, né? Mas foi isso que eu fiz, eu juro.

Eu não tava apaixonada, não, eu juro, nunca fui apaixonada por esse louco. Eu tava curiosa só, e com tesão. Então fui lá pra casa dele, simples assim. Como é que meu pai deixou uma merda dessas? Não tô querendo culpar ele, eu juro, mas sei lá, você deixaria sua filha fazer isso? Enfim, foram ótimos dias, eu juro, por mais que eu tenha vontade de vomitar só de lembrar. Na hora eu não tinha não, eu tava gostando. Só que no último dia deu a primeira merda, meu pai deve ter te contado. Ele roubou meu dinheiro, o bandido desgraçado. Na verdade nem era meu, era do pai. E aí você já sabe o que ele fez, acho. Não? Ele veio... Tipo, quando eu confrontei ele, perguntando onde tava o dinheiro, ele não gostou. Ficou puto, começou a me xingar. Mas não foi só isso não... Desculpa, tô tentando lembrar a ordem. Juro que não sei se ele me bateu primeiro e quebrou meu celular depois. Ou se quebrou meu celular e depois me bateu. Parece tudo um borrão na minha cabeça, eu tava me cagando de medo e só pensava no meu pai, queria que ele aparecesse ali pra me salvar. Mas



Capitu na literatura

ele tava longe, e sem meu celular não dava pra ligar pra ele nem pra polícia. Então eu fiquei lá gritando enquanto apanhava. Gritei tudo o que vinha pela cabeça, eu juro, porque algum vizinho tinha que ouvir. Quanto mais eu gritava mais ele batia, mas a polícia até que chegou rápido. Fui embora com eles e jurei que nunca na vida ia olhar na cara daquele desgraçado de novo. Porque eu tenho 20 anos, sou feminista e nunca entendi mulher que volta pro homem depois que apanha. Mas você lembra que eu disse que sou burra, né? Juro que sou. Às vezes acho que mereço essa merda toda, eu juro.

Acreditei quando ele pediu desculpa, me encheu de presentes, me levou pra andar de lancha, até falou que comprou celular novo pra mim. Acreditei no desgraçado, acreditei que ele só tinha ficado nervoso e perdido os lados, isso acontece, né? Quer dizer, na hora eu lembrei de uns dois anos atrás, quando eu dei um tapa na cara da minha prima porque ela disse pra minha tia que a maconha da mochila era minha e não dela. Dei um tapa na mentirosa, mas depois me arrependi. Então eu acreditei que era a mesma coisa eu dar um tapa na cara da minha prima cuzona e ele, com todo aquele tamanho, me empurrar pra parede e meter um soco no meu olho. Nem sei se acreditei mesmo, mas foi o que eu disse pra mim mesma e foi o suficiente pra achar que era ok ir até São Paulo com ele pra buscar o celular novo. Só que não tinha celular nenhum, você já deve saber disso também. Eu fui, e tava feliz, por mais que sentisse um baita medo de tudo. A gente até riu algumas vezes, mas no segundo dia eu me toquei, graças a Deus. Sou burra mas nem tanto, eu podia estar morta já, mas ainda tô esperando. Desculpa, falo merda quando tô nervosa. Não quis dizer que tô esperando o filho da puta

CAPITOLINAS

vir me matar, não, Deus me livre disso, mas tô esperando alguma coisa. Tipo, fico com essa sensação de que tô só no aguardo, só de molho. Alguma coisa vai acontecer, eu juro. Se vão prender ele logo ou se vão esperar ele me matar pra fazer isso, não sei, mas tô esperando alguma coisa. Cagada de medo, é lógico, mas esperando.

Como eu disse, me dei conta no segundo dia em São Paulo, descobri que ele tava escondendo as ligações do meu pai, tava inventando mentira pra ele, dizendo que eu não queria atender o telefone. Era tudo armação, não tinha merda nenhuma de celular, o doente me levou lá pra fazer alguma merda comigo. Nem quero pensar no quê. Hoje eu sei que ele tá doido pra me matar, mas não sei se era isso que tava planejando fazer naquele dia. Só sei que era alguma merda, e eu cheguei nele e falei: “que merda é essa, Paulo?” É esse o nome dele, acho que não falei antes. “Por que você tá mentindo pro meu pai?”, eu perguntei. Daí ele perdeu os lados de novo, e eu quebrei a cara duplamente, bem feito. Acreditei nos presentes e na porra da lancha e o desgraçado me arrebitou de novo. Mas uma hora ele se distraiu e eu consegui chamar a polícia pelo telefone do hotel. Eu tava arrebitada, mas me salvaram e me levaram de volta pro meu pai.

Agora já faz quase uma semana que ele ameaça todo mundo que eu conheço, eu juro, não tem ninguém em paz. Ele disse pro meu pai que faz isso por amor, que só me quer de volta. Por amor ele mandou uma foto de arma pra Juliana, por amor mandou áudio falando que ia matar nós duas se eu não voltasse. Todo dia eu acordo aliviada porque ele não arrombou meu quarto à noite e deu um tiro na cabeça do meu pai e na minha. Mas que vida é essa? Apaguei todas as redes sociais, não falo mais com amigos,



Capitu na literatura

não saio de casa. E o pior é que o meu maior medo é o de ele ser preso e mesmo assim nada voltar ao normal depois. Porque não vai mais ter um doido me perseguindo, mas eu ainda vou ser eu. Ainda vou carregar essa culpa de quem acreditou num estranho da internet e foi pra casa dele, colocou todo mundo em perigo. Então me diz, por favor, que a culpa não foi minha. Sei que não foi totalmente minha, mas uma boa parte sim. A não ser que você me diga que não, porque você é especialista disso, você sabe das coisas da nossa cabeça. E me fala também que quando esse desgraçado for pra cadeia eu vou conseguir viver de novo. Porque agora eu só continuo viva, dormindo e acordando, cagada de medo, e é uma bosta, eu juro. E algo me diz que vou continuar assim por um tempão, talvez pra sempre. É por isso que eu quase perdi os lados hoje antes de você me ligar. Fiquei olhando pra janela e pensando que isso nunca vai acabar, que esse nojo de mim mesma e essa culpa vão continuar comigo pra sempre, e talvez seja melhor morrer mesmo. Eu tenho medo de morrer, só que às vezes parece o único jeito de resolver toda essa merda. Mas eu nunca deixaria aquele agressor filho da puta tirar minha vida, não, eu juro. Melhor que seja eu mesma.



DESTINO DE POBRE É UM SÓ

Bruna Sales

— Mas a senhora se ponha no meu lugar. Enterro de pobre é dor grande demais da conta. Porque morre, sim senhora, mas é por isso só não. É porque nois já começa a ser enterrado em vida, é quase como se a gente.... fosse enterrado antes da hora do chamado do além, de Deus Pai. E me desculpe não olhar bem no seus olho, mas é que fui crescido assim, causa de costume. Não me ove? Pois venha aqui mais pra perto, que voz aqui tamém falha de vez em sempre.

Meu filho. Sim. Mal sentiu o gosto amargo da vida e foi-se, e eu nem consegui ver a criaturinha. Horror, eu te digo, que minha cria já sem vida, nem deixaram ver. Sim, foi como eu te contei, a mulher do hospital não deixou, motivo não sei. Eu tinha ido no centro aqui de Porto Alegre até, comprei uma roupinha com os sete conto que eu tinha no bolso pra ele poder ser enterrado com dignidade de gente, gente pobre, quase bicho, mas gente.

Mas aí que tá, pois que não deixaram cobrir ele também. Daí eu, Antonio Antunes, fiz o que podia e precisa-



Capitu na literatura

va ser feito. Levei o caixote branco de doer as vista até a cova 2026. Até meu último dia de vida nesse mundo egoísta eu vou lembrar desse número. Tinha nem nome o menino, dona. Já viu? Criança que é só o número da cova. A gente sente essas coisa, eu sabia sempre, mas parece que eu só fui saber mesmo foi naquele momento que o destino era aquele era. Pros que foram antes, pra mim mesmo e pros que deixo, isso sempre vai ser assim, desse jeitinhozin, o destino de pobre não muda, se repete sempre igual. Ciclagem.

Eu to tentando te explicar o que eu to sentindo, meu filho nem nome teve. É tudo um vazio aqui dentro, não sei nem te explicar qual é o significado de esperança de dentro. Eu só to falando de morte, eu sei, mas é porque essa sempre foi nossa vida, tá tudo parado, jogado nos canto, me entenderá, moça? Por dentro e por fora. Não tenho mais muito o que falar não, sinto tanto que vira nada...

Preciso ir indo, que faz hora que eu já não precisava mais ficar aqui. Tenho família pra cuidar. A mulher minha tá ruim também, a outra criazinha nossa tá doente faz tempo. Menina linda, seis anos, e nunca andou, a senhora vê. Foi sexta, a gente tinha ido no hospital pra ver meios disso, quando a mãe reclamou de sangue nas coxas. Disseram que era nada. Pois se era nada, trazia meu pequeno de volta, lá da 2026. Pois foi que viemos pra Porto Alegre e deu sorte de perder só o pequeno, deixaram minha mulher viver. A sorte do pobre é essa, morrer só um.

E o outro nosso de cinco anos, sofrido, tá na UTI. Diz que trataram nele doença que não tinha, e a que era de verdade cresceu. A do hospital disse pneumonia, mas saber nome de mal do corpo nunca salva pobre. Tô rezando pelo menino, mas a senhora sabe... Foi duas semanas atrás minha cunhada, perdeu filho também. Enterro de gente nossa é uma dor, dona.

CAPITOLINAS

Ontem, tive que voltar no hospital pra carimbarem a morte do meu pequeno. Esqueceram de carimbar e eu tive que ir tudo a pé, pra alguém confirmar que eu tinha perdido levado mesmo o menino. Senão nem enterro tinha. A senhora percebe? A morte não faz ninguém ver pobre não. Mas fui, fiz. Andando, que o dinheiro da condução essa semana foi pra comprar o arroz com repolho que a gente comeu ontem. Por falar, preciso indo mesmo, que o caminho é do longo, e falei que nem tenho o valor da condução, então preciso andar um tanto até que grande.

Até podia tentar pedir uma carona pro ônibus. Mais a senhora sabe entende veja, eu tô é cansado de favor. Nois pobre, a gente até pra morrer é de favor. Nunca gente tem lugar nosso de ser, porque até pra morrer tem que comprar lugar pra ser infiado. É tudo doação, emprestagem, até aquela caixa, pedaço que despedaça de madeira do meu filho. É uma vida sem lugar nenhum. E a morte da gente que é pobre, senhora, a morte é só continuação da vida, tudo permanece. Lugar não há não, nunca houvesse. É, é isso, nem com a morte a gente escapa da vida. Ciclagem.

Pior que pro enterramento eu não pedia muito não... Faço questão de flor nada, não precisa de multidão. Rico tem disso né. Um enterro bonito, padre, choro. A madeira do caixão té brilha, chera bom, parece vive melhor em morte que pobre vive em vida. Pois que é mesmo. Meu filho que vai me contar... Daqui três ano, a senhora vê. Ele vai ser tirado daí de baixo. Que senão não cabe os outros mortos pobres que não tem onde cair. O pequeno já nem nome, nem flor, nem reza, missa... Dói, dona.

O fim não tem, não tem não, porque é como falei pra senhora, sempre repete. Pra fingir que dói menos, chamam isso aí de ciclo. Pois então, é um ciclo. Ciclagem. Pensando



Capitu na literatura

agora, acho que meu filho fez é se livrar de morrer mais vez em vida. A gente morre muito, dona. Morre, volta, mas volta sempre meio assim, igual eu to. Pelas metade. Pelo menos o pobrezim, zim porque nem tamanho tinha né, morreu só uma vez.



CAPITOLINAS

O FURO

Giovanna Reis

Uma homenagem a Ricardo Eugênio Boechat (1952-2019)

Quando o jornalista acordou na manhã de segunda-feira, agradeceu a Deus por estar vivo. Fazia isso todas as manhãs, sem saber exatamente por quê. Talvez porque sua esposa vivia dizendo que era seu dever, pois fora Deus quem curara a depressão profunda que o dominara alguns anos antes. Usava essa palavra mesmo: cura. E o jornalista não tinha coragem de dizer a ela que nenhuma maldição como a dele poderia ser curada, expulsa, erradicada – apenas amenizada, escondida, ignorada.

Levantou, lavou o rosto e tomou um reforçado café da manhã de hotel. Estava em Campinas, interior de São Paulo, para dar uma palestra a representantes da indústria farmacêutica naquela mesma manhã. Estudou, ensaiou e se preparou antes de se aprontar para sair de casa. Sempre ocupado, sempre repetindo ações que preenchessem o vazio da mente em dias monótonos e sozinhos. Fazia isso porque os resquícios da depressão o





Capitu na literatura

assombravam de vez em quando, sempre em momentos de mente vazia.

Antes de deixar o quarto de hotel e descer à recepção para devolver as chaves, o jornalista telefonou à esposa. Não foi pensado, mas sim um impulso, sentiu de repente muita falta da mulher e dos filhos. Ao invés de agradecer apenas ao deus que ele pouco era íntimo, quis também agradecer por estar vivo àquelas pessoas que, todos os dias, o lembravam de seu propósito na Terra. Naquele momento, deixava o papel de jornalista que dá voz a uma nação e permitia-se ocupar a posição de pai e marido que ama e é amado, que dedica seu tempo à família como se nada mais importasse. Essa última parte nem sempre era verdade, o trabalho exigia muito do pai de família. No entanto, algo que ele sentia desde que acordara o obrigava a acreditar na ideia de que cumpria com êxito todas as suas funções.

Quando a esposa atendeu, o jornalista segurou o choro que derramava sem saber por quê. “Nada, só estou com saudade de vocês”, dizia. Ela se preocupou, não eram comuns ligações desse tipo. Apesar do estranhamento, a esposa se emocionou com as palavras carinhosas do amado e chamou as duas meninas menores para falar com o pai. “A gente te viu essa semana, papai, fica tranquilo”, disse a mais velha da dupla, enquanto a menor concordava com a cabeça, acreditando que o papai escutava seu movimento. Após algumas poucas frases melancólicas, o casal desligou a ligação. O jornalista, perdido na noção do tempo manipulada pela saudade, estava atrasado.

A palestra foi boa, nada fora do esperado. Ultimamente, tudo o que o jornalista fazia o causava a sensação de rotina, monotonia, repetição, e o discurso não foi diferente. Sentia que dissera apenas coisas decoradas, en-

CAPITOLINAS

saiadas, nada que era de fato seu. No jornal, entretanto, o sentimento era exatamente o oposto. Via-se como parte da notícia, como um narrador onisciente de fatos reais e concomitantes, um poder absoluto. Ao entrar no ar, enxergava-se como cumpridor de um grande propósito, amava seu trabalho e seus espectadores. Era recíproco, é claro, e ele não fazia ideia do quanto — não mensurava o tamanho de sua importância e a tristeza que aquela segunda-feira causaria numa nação.

Após deixar o local do evento, conheceu o piloto com quem passaria os próximos 45 minutos dentro de um helicóptero. Era um homem simpático, alegre, um tanto vazio. Provavelmente, se o barulho das hélices deixasse, conversariam sobre assuntos de elevador, como clima, política e futebol. Essa ideia de papo previsível tranquilizava o jornalista, pois pelo menos eram temas fáceis com os quais conseguiria lidar enquanto enfrentava o medo de voar.

Quem diria, não? Quarenta e nove anos de carreira, voando de lá pra cá, dali até aqui, e nunca superara o medo das alturas, de sentir-se um pássaro sem asa, dependente de um objeto descontrolado no ar. Uma vez, quando jovem, em sua primeira experiência num helicóptero, pensara, antes de decolar: e se cair? O que aconteceria com o corpo espatifado, provavelmente perdido no meio do nada, do jornalista que mal começara a noticiar os fatos? Um furo tão chocante, “cai helicóptero com jornalista dentro”, que seria coberto por outro. Quem noticia a morte de quem faz notícia? Na primeira turbulência, não se conteve. Lembrou do resumo de sete minutos da vida que, havia lido uma vez, surgia diante dos olhos quando o indivíduo estava prestes a morrer. De repente, passagens de toda a sua existência desataram a brotar em sua mente num descontrole, uma



Capitu na literatura

confusão de imagens e vozes que o atordoavam e enterneciam. Não era pra tanto, afinal, sobrevivera, mas sentia que uma parte sua havia sido tomada por aquele aviso prévio de fim de vida. Sentia-se, depois daquela retrospectiva que se passara em meio ao pavor, preparado para morrer. Já tinha vivido tanto, não poderia nem reclamar a Deus sobre a injustiça.

Apesar da sensação vitoriosa de quem não teme a morte, estava apavorado. Aquele não era um bom dia para vencer o medo, não se sentia ele mesmo. É claro que, tantos anos depois, o jornalista encontrava-se amadurecido pelo tempo e pelo trabalho, já tinha visto de tudo, não havia o que temer. Confiava sua vida no piloto desconhecido, sim, sem dúvidas. Confiava mais ainda naquela espécie de dinossauro voador mecânico, planejado sob medida por engenheiros estudados, comprado atentamente pela emissora que tanto valorizava o trabalho do jornalista. No entanto, em meio às muitas certezas, ao pisar na escadilha que adentrava o helicóptero, o jornalista, num ímpeto de insegurança que não se sabia de onde vinha, pensou:

E se cair?

No mesmo segundo, espantou a ideia limitadora, mas percebeu que estava travado na escada. Foi necessário lembrar das meditações recomendadas pela esposa para fechar os olhos por um instante e reunir boas energias na subida. Entrou, sentou, colocou o fone antirruído e esperou.

A decolagem foi tranquila para o piloto, o tempo estava ótimo. Já para o jornalista, que apesar de estar pela milésima vez voando de uma cidade a outra, era como toda decolagem: incerta, bagunçada, medonha. Qualquer brisa ou balanço cutucavam o modo alerta em que se encontrava, deixando-o desconfortável. O piloto percebeu o incômodo do



CAPITOLINAS

passageiro e tentou jogar conversa fora, distrair o companheiro apavorado. De nada adiantou, o jornalista não escutava – talvez o som das hélices estivesse alto demais, ou o dos pensamentos ensurdecedor.

Sabemos quando vamos morrer, isso é fato. A própria ciência diz, está na internet. É um conhecimento inconsciente, daqueles que assombra o dia todo, mas só são decifrados no final. Era essa a sensação que o jornalista estranhava desde que acordara na manhã de segunda-feira, sem saber de fato o que era. Sentia-a apenas como ruim, um mal estar diferente, uma intuição negativa, o que não fazia muito sentido ao lembrar do comportamento alegre e radiante que apresentava nos últimos meses. Mesmo com os resquícios depressivos, aquilo era algo que nunca havia sentido, nem mesmo no primeiro vôo de helicóptero, quando viu a retrospectiva de sua vida tão curta. Ele ainda não sabia que era a morte batendo à porta do noticiário.

Sem avisar, tudo começou a balançar. Assustado, porém desconfiando de si mesmo para policiar o medo infantil, o jornalista acreditou que fosse uma turbulência como outra qualquer. Entretanto, num relance impensado, olhou para o piloto e se arrependeu no mesmo instante. Pela expressão do companheiro de viagem, soube imediatamente que se tratava de algo que merecia ser temido, solucionado, avisado antes que fosse tarde demais. O piloto estava apavorado, até lembrou o jornalista do menino que era quando pensou que morreria na primeira experiência aérea. Não seria na primeira, segunda ou terceira, mas sim nesta, a que ele nem mesmo sabia contar.

Não houve diálogos, apenas palavras desesperadas do piloto que conversava consigo mesmo para encontrar uma salvação. Aquele homem alegre e vazio que o jornalista



Capitu na literatura

conhecera meia hora antes havia sido tomado pelo pavor, parecia ser outra pessoa. “Não posso morrer”, gritava. Tinha que buscar a filha na escola, ir ao jogo do Palmeiras na quarta-feira e visitar os pais no domingo. Não podia morrer, ninguém pode. Esperneava, orava, implorava. Disse ao parceiro de tragédia que telefonasse à Central, já que o rádio tinha parado de funcionar, mas era inútil. Mesmo que soubesse o número, não havia sinal àquela altura.

O jornalista, paralisado, sentiu-se de novo um adolescente. O filme que agora passava em sua mente era o mesmo de antes, porém maior. Bem maior. Em silêncio, viu suas primeiras coberturas, as entrevistas com ídolos, os furos marcantes, o nascimento de cada um dos seis filhos, o casamento com a atual esposa, a morte de seus pais, a infância. Era de se esperar que as cenas não fossem cronológicas, tão pouco a morte é. E ele, que antes se via aflito, irritado e barulhento, agora não emitia um pio sequer. Seus pensamentos foram silenciados pela concretização do que sentira desde cedo e não fora capaz de decifrar. O helicóptero apontava e caía como uma caneta, levada por uma mão pesada e certa, prestes a riscar a Rodovia Anhanguera, estraçalhar o piloto e o jornalista e atingir um caminhão infeliz que não tinha lugar melhor para estar.

Tudo isso durou pouco mais de um minuto. É o tempo de um curta-metragem raso, sim, mas suficiente para acabar com uma vida. Não rezou, nem implorou. Não se lembrou das partes ruins da existência, apenas das que a fizeram valer. Apesar da família, dos amigos e da nação quererem dar a ele mais um ano cada um, não podiam e nem ele precisava. Deixou-se aos sessenta e seis anos, viveu muito, são poucos os que têm essa sorte. Morreu sereno, pois decidiu ver o pavor e a insegurança que o

CAPITOLINAS

assombraram por horas como apenas o aviso da despedida. Mesmo com os restos da depressão que nunca o havia abandonado, morreu sabendo que foi em vida tudo o que poderia ser. Era a hora, e ele sabia. Quem e como noticiariam primeiro aquele furo, ele preferiu não imaginar. Essa seria sua última notícia, embora o nome não constasse na assinatura.





I desire the things
which will destroy me
in the end.

- Sylvia Plath

POEMAS



CAPITOLINAS

TRANSIÇÃO EM PAUSA

Bruna Sales

Em qual vagão desse trem
o caminhar se fez desaparecido
o toque fraterno, eliminado
o verde do perfume, extinguido

Blim, bléim! canta o sino da cathedral
mas o som me escapa os ouvidos
Em qual nota dessa música
corpo e alma foram perdidos

Brota o realento do improvável
Ah! tão doce e inocente bruma
Semente filha do engenho
De peculiar, coisa alguma



Capitu na literatura

Bossa nova se torna enredo
beijos roubados, a trilha sonora
Quem observasse veria
o desenrolar da flor da aurora
Mas o fim, este veio em silêncio
O nevoeiro, firme como pulsos teus
acomete o mais profundo do ser
Que destino reservas ao fruto, meu Deus?
O olhar dos morenos cabelos
não compreende a si mesmo
colheita ainda imatura,
velejada à esmo
Não se sabe em qual gota dessa chuva,
A essência diluiu
Não se sabe onde nesse labirinto,
a lembrança ruiu

A peculiaridade vem à tona
O conhecido, talvez
Seja o propósito último
Sinais de embriaguez

Enfim, tão sábio poeta
Talvez em ajuizado desatino
O que resta, esse apenas
é um tango argentino



TERCEIRA PESSOA

Giovanna Reis

ela é a insuficiência que nasceu de um grande amor
tem saudade do que nunca foi ou teve
faz comparações injustas e ingratas
entre o passado – tão distante
e o presente (que já podia ter passado)

a felicidade arde, mas ela não vê
o trauma urge na sujeira de coisas lindas
tantos que já foram a fazem crer
que os que ficam logo se vão também
ela é a própria neblina

a literatura é dela o ópio:
foge da obrigação de criar
ao entrar na criação de outrem
tão fugitiva era que aprendeu a ler aos três



Capitu na literatura

e sozinha, aos cinco, tentou escrever
tornou-se criatura d'água de rio sem margem
mergulha na língua, não precisa de barco
encontra o afago que precisa nas palavras
de quem muito antes dela existiu
e se pudesse viver n'outro tempo, voltava

sabe que é amada e sente o peso da importância
é nó que segura laços que nunca souberam se amarrar
ela sabe que é o bastante
ou ao menos deveria saber

o que sente pelos outros, sim
é o que a mantém
sentimento que sustenta e se faz luz
nessa viagem tão escura que é dela a existência
numa profundidade de sentir
que não cabe em fazer ideia



CAPITOLINAS

NA ÍNTEGRA

Bruna Sales

Meu recorte de madeira me ensinou a ser simples. Os seis, sete, oito, cem prédios que compõem o grande azul quase desaparecem no vitral redondo. Paróquia Santa Ifigênia.

Arquitetura românica. Duas torres adjacentes. Uma torre central, alta. O ovalizado som do órgão esquecido. Galo norteador.

O histórico do centro nos desgastes edificianos. Viaduto sacralizado pelo movimento. Os hotéis parecem documentos abertos. As galerias, santuários dos músicos.

O rural esverdeia o concreto. O urbano do barulho não cessa. Ônibus, carros, vendedores ambulantes. Tronco folhudo.



Capitu na literatura

Azul piscina, rosa palaciano. De frente, grandes recortes neoclássicos. Pequenos retângulos ao fundo se empinam sob a bandeira hasteada ao vento. Monumental.

Ali tem gente. Palmeiras, tecnologia, banca de jornal. Feira improvisada. Provincianos ares já poluídos. De perto, sujeito fuma.

Tenho uma vontade contemplativa. Ou vadia. Temperatura amargada pelo café. Entre duas paredes de vidro, na altura da intimidade.

Sempre acreditei na magia de portais. Portões, janelas, subterrâneos. Mas meu recorte de madeira, esse não. É simples. Não há nem um cinza. Nem uma lágrima. Nem um misticismo.



CAPITOLINAS

GAROA CONFINADA

Giovanna Reis

as varandas gourmet debaixo do céu cinza
e a favela do outro lado da avenida
a terra da garoa vazia de gente
um domingo como outro qualquer, eu diria
mas é terça

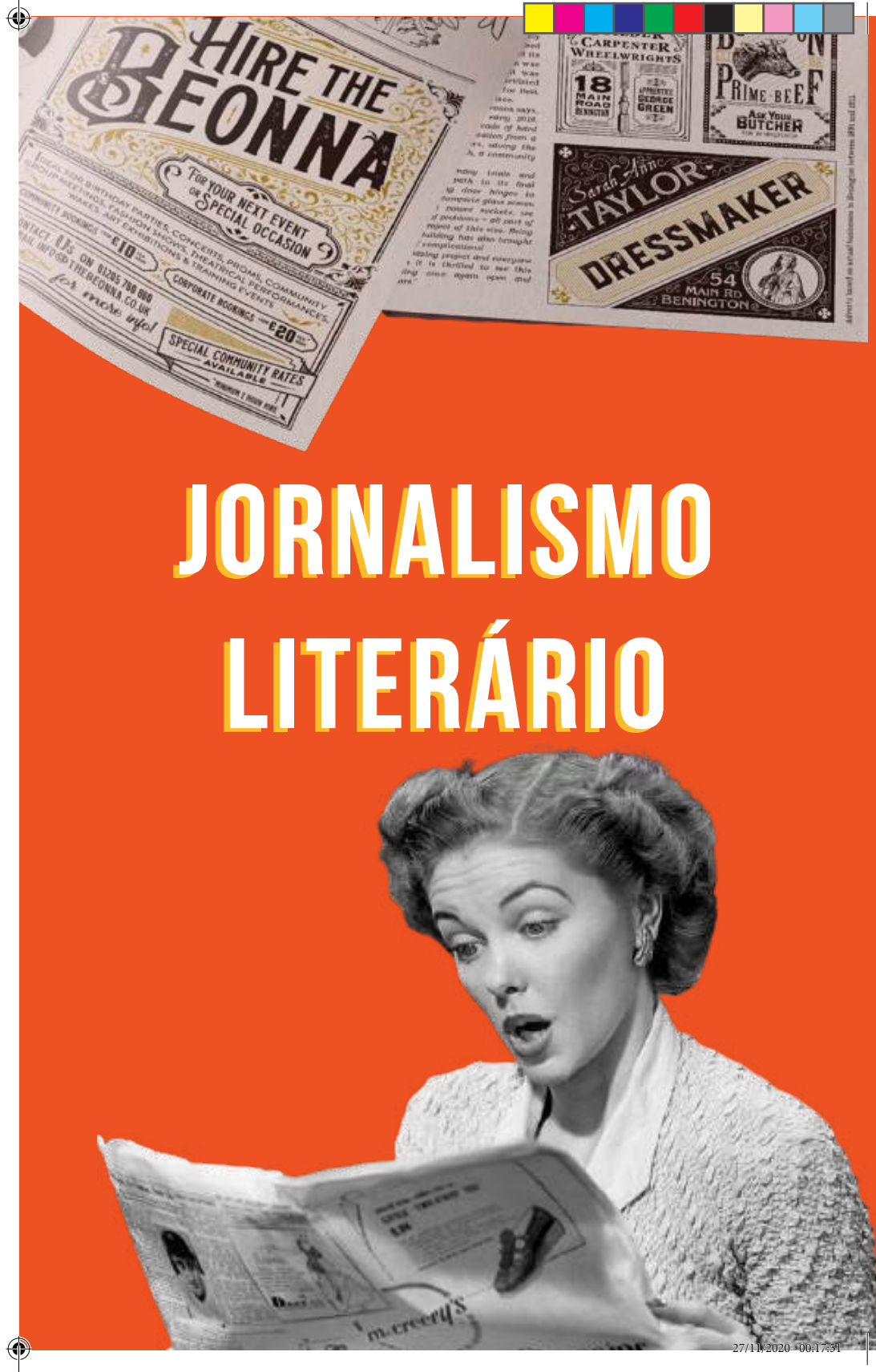
os olhos do morro da Nova Vila Galvão amontoados
olham diretamente pra minha sacada
querendo saber como vai por aqui
e eu me pergunto como estão as coisas por lá

toda a gente tem medo de sair
e as janelas observam com euforia
o movimento que atrasa o retorno universal



Capitu na literatura

de repente, uma mulher de vermelho anda na calçada
a única cor em meio ao cinza pandêmico
a rua seca de voz, de feira, de passos, de gente
e molhada de chuva





UMA NOITE NO THEATRO

Amanda Oestreich & Marina Sakai

Imagine-se fazendo parte do seletto grupo de brasileiros que, na década de 20, estão atravessando o Viaduto do Chá para chegar ao mais novo edifício de São Paulo. Imagine-se usando roupas à caráter da época, sentindo a fria noite de setembro, prestes a assistir à ópera mais recente de Ambrósio Thomas, Hamlet. A ocasião é a inauguração do Theatro Municipal de São Paulo. Quem poderia imaginar que se tornaria um dos maiores antros de cultura da cidade?

Navios demoram demais. Por que não trazer um pouco da Europa para mais perto de nós? Foi o que Ramos de Azevedo pensou ao carregar da França os espelhos de Versalhes — transformados no Salão Nobre. Agora você se sente no mais fino dos países. Afinal, no auge da República Velha, o Brasil prospera, a economia vai bem. Você é um barão do café, ocupa uma das frisas do Theatro, vê o espetáculo do melhor ângulo. Seus funcionários, entretanto, nunca sonhariam em frequentar esses espaços, já que grande parte da população era excluída das programações culturais.



Capitu na literatura

O tempo passou. Seus bisnetos, ainda de classe alta, não frequentam tanto o teatro. Não tem mais a graça ou o status que carregava em 1911. Em suas raras visitas, vêm pessoas de diferentes classes sociais, pagam menos pelos ingressos e não têm, necessariamente, a vista privilegiada que você tinha. Agora, pelo menos, é mais democrático. Na sua época, manter hábitos culturais custava uma fortuna e seus bisnetos se recusam a gastar 5 reais para assistir a um espetáculo. Até mesmo nos gratuitos o Teatro não chega nem perto de atingir sua capacidade máxima.

O Teatro mudou muito, os arredores também. A linda construção se esconde atrás de arranha-céus. Trabalhadores apressados passam despercebidos pela fachada que revolucionou a capital. O piso do Salão Nobre — da madeira mais refinada que existia nos anos 20

CAPITOLINAS

— foi coberto por um tapete que auxilia na preservação, porém com desenhos modernos, que mostram a diferença de épocas. Assim como o subsolo, que foi transformado em um bar contemporâneo, com o intuito de atrair a nova geração.

Por fim, você percebe, que apesar da mudança de tempo, a atmosfera é a mesma. O Teatro, mesmo que apenas por uma noite, dava ao público um espaço para sonhar o que quisessem. O que antes era um desejo de glamour, agora é a cobiça por jovens artistas que sonham em lá se apresentar. Você queria que seus bisnetos e as novas gerações pudessem viver o Teatro como você viveu, mas entenda: para manter os sonhos desse novo mundo vivos, o Teatro Municipal de São Paulo precisa se reinventar a fim de tentar sobreviver.





RESPIRO SUBTERRÂNEO

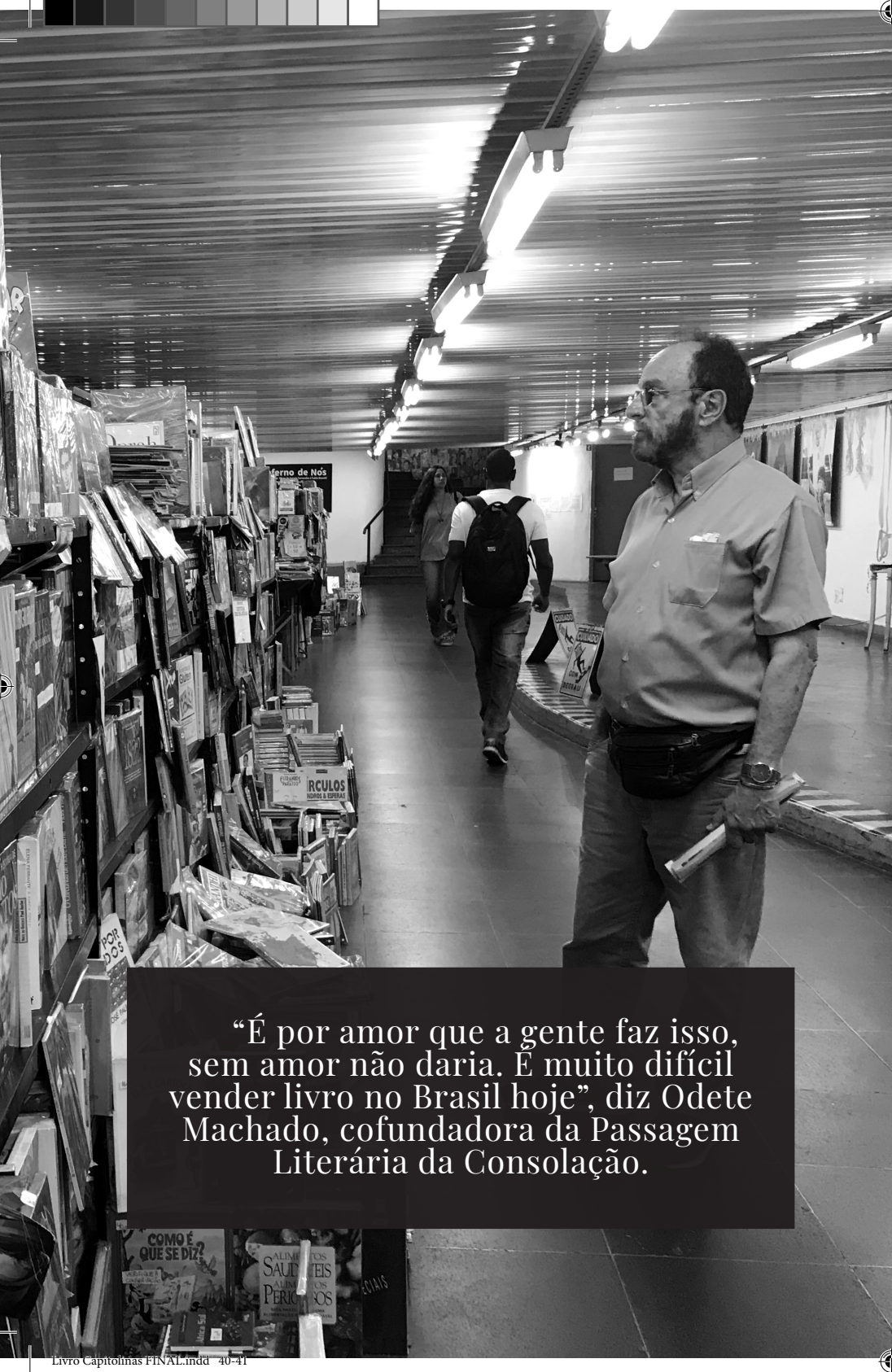
Giovanna Reis

Formada em fisioterapia, a livreira sempre encontrou na arte — principalmente na dança e na literatura — uma forma de escapar do bombardeio contemporâneo de informações superficiais. “Pra mim, a vida podia ser só um livro, uma taça de vinho, música e muita arte.”

Integrante da Associação Via Libris, Odete idealizou o projeto junto a outros livreiros ambulantes. O objetivo era que seu trabalho fosse regulamentado e que pudessem vender as obras em local fixo e apropriado, além de ampliar o acesso da população à cultura.

Misteriosa e instigante, a entrada ao lado do cinema Petra Belas Artes pode ser intimidadora. Introduzidas pela placa “Estação Parada Paulista”, colocada na década de 1970, as escadas para chegar ao espaço são escuras e coloridas, repletas de graffitis, lambe-lambes e fotografias.

Quem decide encarar o mistério do lugar percebe logo de cara que a profundidade do sebo não se deve apenas à localização subterrânea, mas também ao que transmite a quem passa por ali.



“É por amor que a gente faz isso, sem amor não daria. É muito difícil vender livro no Brasil hoje”, diz Odete Machado, cofundadora da Passagem Literária da Consolação.



Capitu na literatura

Além dos curiosos, há também frequentadores fiéis, como Carolina Mendes, uma fã de *O Pequeno Príncipe* que conhece e frequenta a passagem há anos.

Ao conversar com a reportagem, a leitora segurava uma antiga edição do clássico francês, adquirida por R\$ 10, à qual se referiu como “uma relíquia”.

O interesse de Carolina é talvez um alívio para Junior Bezeli, que trabalha no sebo há oito anos. Para ele, a clientela atual tem buscado “muita porcaria”, como livros de autoajuda, o que desestimula o trabalho do livreiro.

A fundadora concorda. “Hoje em dia o pessoal pede só livro de série ou fala ‘quero algo bem fininho’. Ninguém mais procura Dostoiévski”, afirma Odete.

Mesmo com os desencantos de vender livros usados na era do digital, é por amor à literatura e ao espaço que Junior, Odete e outros três livreiros continuam lutando pela democratização da arte e ganhando seu dinheiro com propósito. Para a fundadora, não faz sentido trabalhar com algo que não gosta, só por um salário alto, sem nunca tirar um tempo para si.

“Você precisa de um tempo pra você. Ninguém faz isso, por isso tá todo mundo maluco. Se conseguir tirar uma hora do dia pra parar e ler, você fica calmo. Isso muda sua vida.”

Com shows, exposições, livros antigos a baixo custo e livreiros apaixonados por seu trabalho, a Passagem Literária é mais que um must go paulistano — é um refúgio.

“Além da arte e dos livros, aqui também é um respiro, um refúgio”, conta Odete. “Outro dia mesmo veio uma menina que só queria desabafar, tinha acabado de ser demitida. Ela nos procurou porque gosta do lugar, e nós a ajudamos.”

CAPITOLINAS





Capitu na literatura

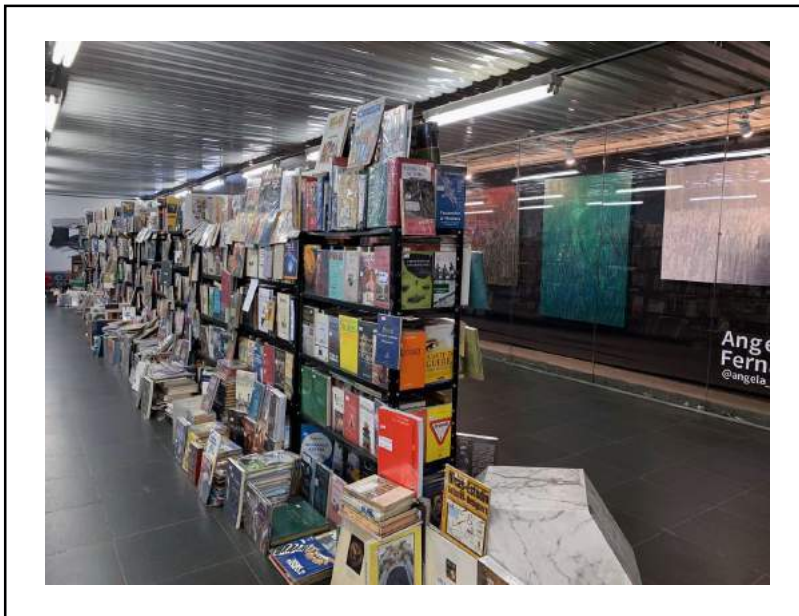


CAPITOLINAS

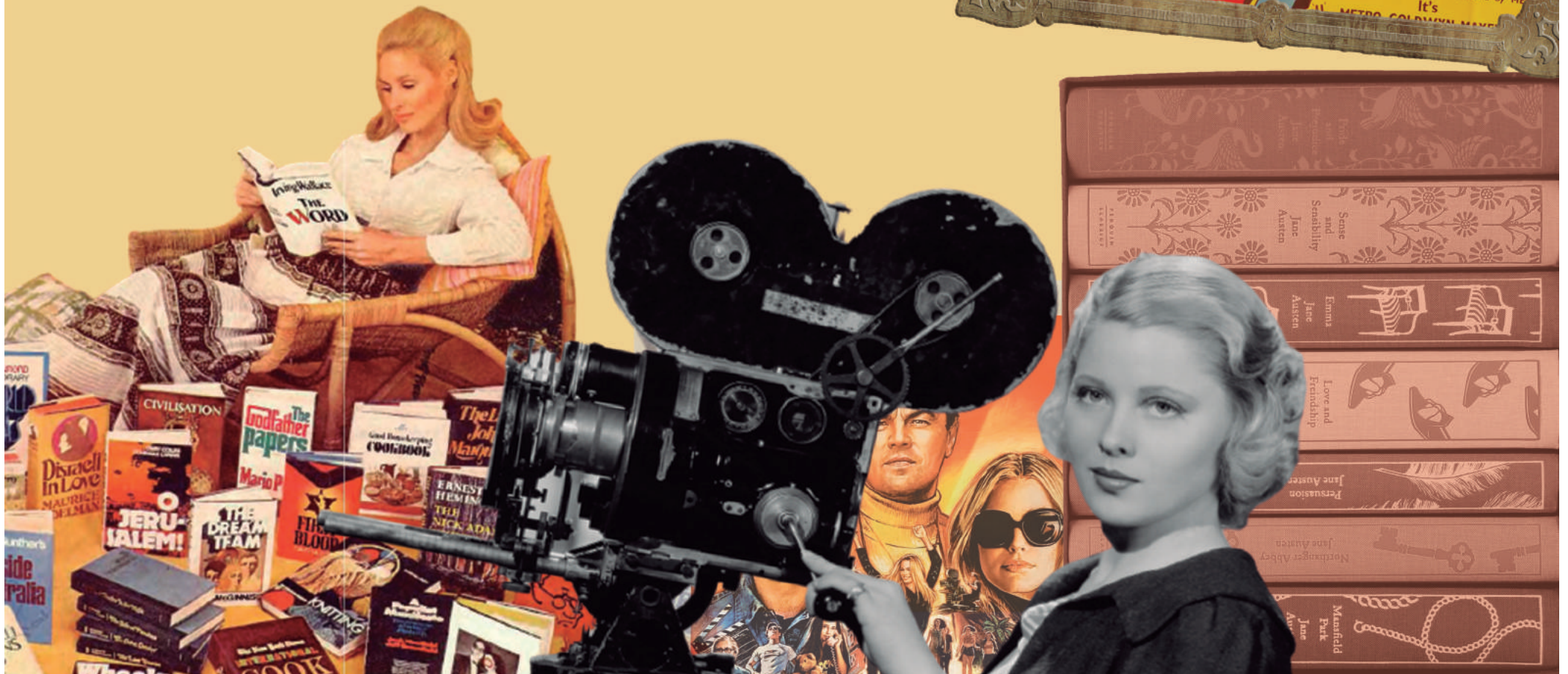
Esse escape não é buscado apenas por quem está triste, mas também por aqueles que querem, assim como Ode-te, escapar do hiperestímulo imagético e sonoro de uma das mais movimentadas avenidas da cidade.

Das 7h às 20h durante a semana, o espaço tenta cumprir sua missão de expandir os horizontes internos dos que vivem sem tempo de parar para refletir.

Não é à toa que logo na entrada da tal Estação Parada Paulista estão, em graffiti, os dizeres que melhor definem o projeto: não é metrô — porque é grátis e te leva mais longe.



CAPITOLINA RECOMENDADA





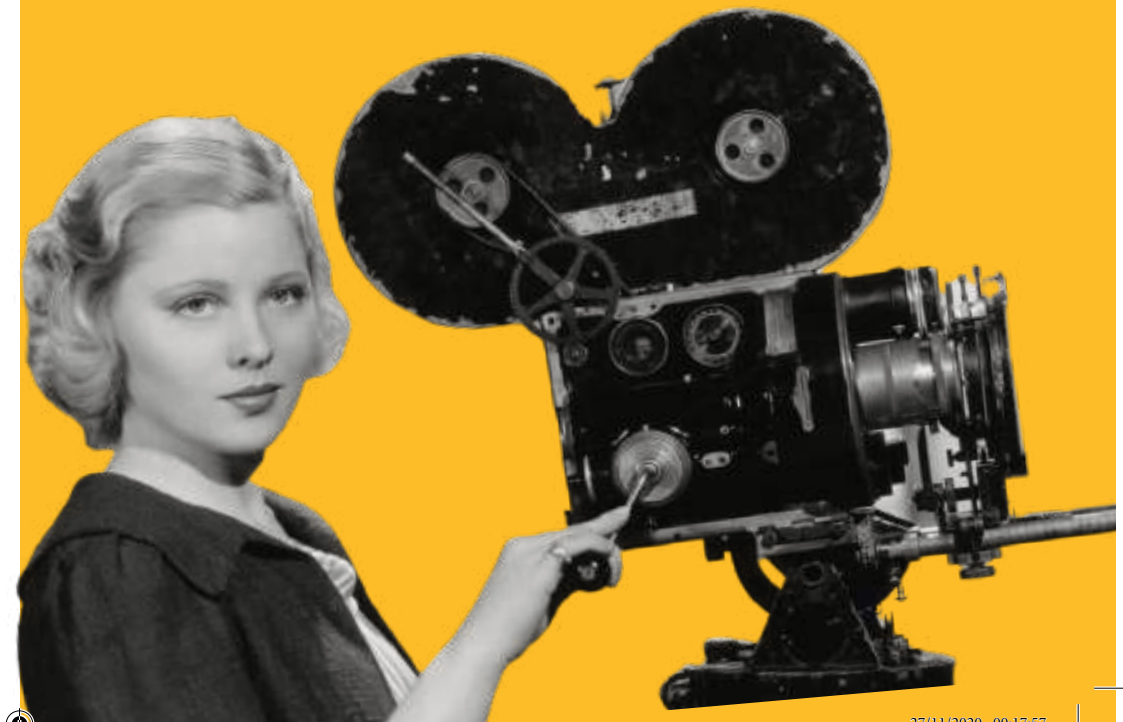
Capitu recomenda

*até hoje ninguém foi capaz
de medir o seu tamanho
você é caos
e coração
você é oceano
e furacão
te desvendar
é para quem não teme
mulheres infinitas*

- Ryane Leão, autora de
“Tudo nela brilha e queima”



FILMES





LITTLE WOMEN: UM RETRATO FEMININO DO SÉCULO XIX

Marina Sakai

Está chegando a temporada de Oscars e uma das maiores apostas para os prêmios é Little Women (ou Adoráveis Mulheres, em português), dirigido por Greta Gerwig. O filme é uma adaptação do clássico romance americano de Louisa May Alcott escrito no século XIX e conta a história de 4 irmãs: Jo, Meg, Amy e Beth March. Apesar de irmãs, cada uma possui uma personalidade única e se desenvolve de maneiras diferentes ao longo do filme.

Acompanhamos majoritariamente a trajetória de Jo (Saoirse Ronan), sua amizade com Laurie (Timothée Chalamet) e sua busca por uma carreira como escritora e independência financeira. Além do elenco espetacular – que inclui ainda Meryl Streep, Emma Watson e Laura Dern –, Adoráveis Mulheres nos engaja em uma trama emocionante sobre feminismo, amor, irmandade, as dores de ser mulher e acima de tudo, amizade. É de partir o coração, e também senti-lo bater com força a cada cena.



DESLEMBRO: UM OLHAR MULTICULTURAL SOBRE A DITADURA

Amanda Oestreich e Marina Sakai

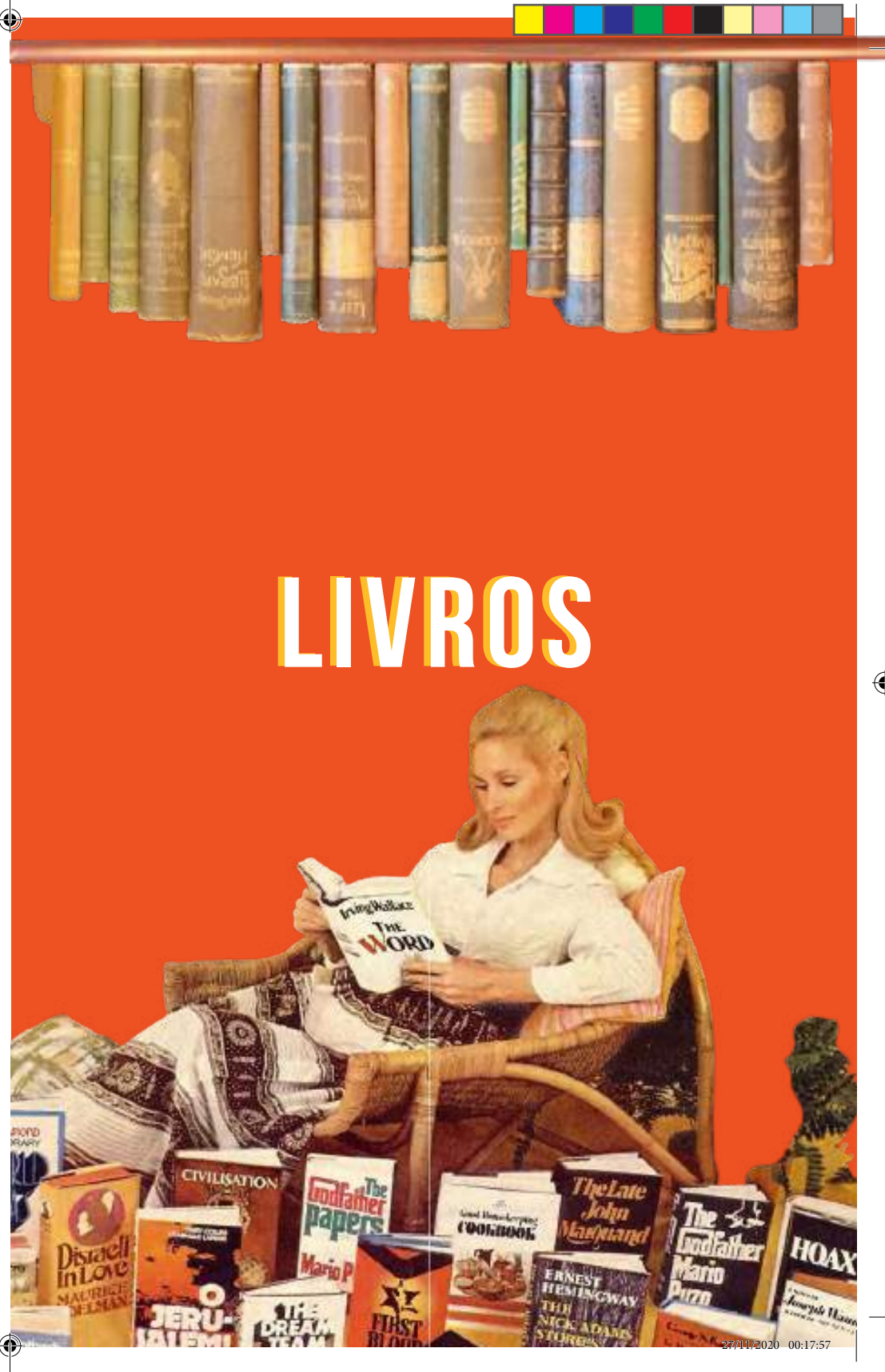
O longa da diretora Flávia Castro se passa no Rio de Janeiro dos anos 70 e é essencial a consciência do momento histórico e político que o Brasil vivia na época. O filme retrata a perseguição dos opositores, a anistia e os conflitos em toda a América Latina. “Deslembro” conta a história de uma adolescente, Joana (Jeanne Boudier), e sua família que voltam ao Brasil após um período de exílio na França. O pai de Joana foi morto pelo DOPS no começo do Regime Militar e a história se dá enquanto Joana percebe o que a militância de seu pai significou e reflete sobre memórias de quando ela ainda vivia no Brasil.

A diretora inova ao mostrar o passado do Brasil com um olhar ingênuo. A posição que a protagonista ocupa frente ao contexto político no país é, de certa forma, alheia à situação, o que faz com que o filme mostre a ditadura como um pano de fundo para os questionamentos da adolescente e não como o evento principal e difere-se da maioria das narrativas que se passam durante esse período. O foco das preocupações de Joana está em seus problemas pessoais. Ela passa pela adaptação a um novo ambiente e país, seu primeiro amor e conflitos com a

Capitu recomenda

mãe, omissa, que a impedem de compreender totalmente a sua história e a morte de seu pai.

O longa é permeado por referências musicais da época e apresenta um diálogo entre a cultura musical brasileira e internacional. A dualidade da personalidade de Joana vista na mescla de suas nacionalidades pode ser representada pelas mudanças culturais que ocorrem quando ela vem ao Brasil, quando ela troca Lou Reed e The Doors por Caetano e MPB. Além disso, a fluidez com que a troca de línguas (português, francês e espanhol, por conta da nacionalidade chilena de seu padrasto) é mostrada faz com que o aspecto multilinguístico do filme ocorra com uma naturalidade sem igual. “Deslembro” é um dos destaques atuais da indústria de cinema brasileira, que foge do estereótipo de comédia “besteiro” que é muitas vezes atribuído às produções nacionais. A sua relevância se dá na necessidade, tão atual, de cultivar a memória e lembrar do nosso passado como nação.



LIVROS



ANNA KARIENINA: INFELIZMENTE LIVRE

Giovanna Reis

Perdi com “Anna Karenina” minha virgindade de clássicos russos. É claro que eu já tinha lido “Lolita”, mas, convenhamos, de russo Nabokov só tem o nome. Agradeço então ao conde Liev Tolstói por ter sido o meu primeiro; não consigo imaginar uma melhor experiência de entrada aos russos senão esse novelão cativante de oito partes e 900 páginas.

Em uma época em que as aparências burguesas e o romantismo idealizado mostravam seu fracasso em cobrir a miséria humana, Tolstói surge para escancarar de vez a infelicidade da aristocracia russa e sua moral falida. E que alívio (e tristeza) sentimos com Anna ao final da sétima parte, quando a heroína (que mais nos desperta pena do que nos inspira) finalmente se livra das amarras superficiais e sem sentido que fizeram com que sua vida fosse tudo menos sua.

Anna, por mais cansativa que às vezes nos pareça, por mais volátil e confusa, é também o símbolo de resistência às tradições e de busca pela liberdade. Tolstói foge da abordagem padrão dos romances da época nos dando um romance de realismo crítico cujo pilar é nada menos que a infelicidade humana. E Anna é a pessoa que, ao tentar fugir das amarras e encontrar a felicidade, se encontra infelizmente livre.

Me peguei muitas vezes rindo com as ironias nem tão sutis de Tolstói, as críticas afiadas aos costumes aristocráticos e religiosos irritantes. As melhores críticas são feitas durante os muitos episódios em que a narrativa adentra a mente de Liévin, o outro protagonista da trama. Embora não seja totalmente livre dos valores comuns à “sociedade” (ricos e nobres de Moscou e São Petersburgo), Liévin renega tais relações e “debocha” o tempo todo de sua superficialidade. O personagem às vezes parece grosseiro, antissocial, quando na verdade esse comportamento é a consequência de enxergar além dos vestidos e carruagens.

Os protagonistas, que só se encontram uma vez, têm em comum a busca por uma vida com significado, sem a repressão das amarras sociais e tendo o amor e a paixão como suas essências. São amores avassaladores que nos transformam, nos confundem, podendo nos levar tanto ao enlevo quanto à destruição.

Já as outras muitas personagens da trama, que derivam dessa dupla, nos entregam um cenário fidedigno da aristocracia russa falida do final do século 19 por meio de suas experiências e monólogos interiores (todo o livro consiste em pensamentos íntimos das personagens, mas narrados em terceira pessoa). Além disso, essas figuras, tão diferentes entre si e tão verossímeis (com seu teor psicológico, o romance beira o biográfico), nos atraem à mesma medida que repelem e nos deixam presos no desenrolar da história. E que desenrolar é esse, meu povo!

Não podia estar mais satisfeita com essa primeira vez russa, foi uma experiência e tanto. Longe de mim querer avaliar um clássico, mas deixo aqui a minha recomendação. Que livro! Infelizes à sua maneira, as personagens de Tolstói nos fazem acertar contas com o mundo e com nós mesmos, e essa, para mim, é a verdadeira função da literatura.





PESSOAS NORMAIS: O AMOR MILLENNIAL

Giovanna Reis

Quero começar dizendo que “Pessoas Normais” não é um livro de literatura comercial. Seu sucesso editorial se deve não a um suposto caráter de entretenimento (que não existe aqui) mas sim à genialidade da autora em expor paradoxos mentais e sociais que assombram as mentes millennial. Logo, ao decidir mergulhar na dolorosa identificação que essa história nos causa, lembre-se de abandonar as expectativas viciadas em romances de entretenimento, caso contrário irá se frustrar.

A história fala sem rodeios sobre luta de classes, dependência emocional, ansiedade, relações familiares abusivas, traumas, disforia, sobre ser estrangeiro de seus ambientes e de si mesmo. Segundo o The Guardian, Sally Rooney, com seus poucos 29 anos, é excepcionalmente boa em observar as mentiras que contamos para nós mesmos, notar o quanto perdoamos e retratar o amor sem apelar às suas predefinições socialmente impostas. “O que temos aqui é um futuro clássico”, afirmou o mesmo jornal em uma de suas críticas. E eu assino embaixo.

Acompanhamos aqui o não-casal irlandês Marianne e Connell ao longo de uns quatro anos, mas não o tempo todo. Do final do ensino médio ao final da faculdade, conhecemos episódios importantes e fragmentados da jornada nada épica da dupla. Os capítulos são como “três meses depois”, “duas semanas depois”, e acabamos por descobrir o resto sozinhos. A narrativa fica quase que detetivesca e nos pegamos presos aos pensamentos dos protagonistas, esperando que eles nos contem logo o que de fato aconteceu. Pequenas cenas e fragmentos retrospectivos encaixam aos poucos todas as peças dos rolos e traumas normais dessas vidas normais (embora ambas, na maior parte da trajetória, não se sintam assim).

A escrita de Rooney é tão millennial e imediata que as personagens nem têm tempo de indicar suas falas com aspas ou travessão. Eles dizem, e só depois lemos um “disse Marianne” ou “disse Connell”. Isso de forma alguma deixa o leitor (o leitor aberto a experimentalismos, claro) confuso, embora nos peguemos sempre querendo que tal pensamento tivesse sido verbalizado.

Muitas vezes pensamos que dissemos em voz alta aquilo que na verdade ficou travado na garganta. Connell e Marianne fazem isso o tempo todo, pensam que falaram e pensam que entenderam o outro, mas quase sempre erram. Lendo esse livro me dei conta de que muitas vezes faço o mesmo sem perceber, todos nós fazemos. Marianne e Connell somos todos nós, e é por isso que a visceralidade de Pessoas Normais é cortante ao mesmo tempo em que nos consola.





FAMA E ANONIMATO: A ANOMALIA DA CIDADE QUE NUNCA DORME

Amanda Oestreich

Tendo como pano de fundo a famosa cidade de Nova York nos anos 60, Fama e Anonimato — livro lançado em 1970 pelo jornalista americano Gay Talese — é um combo de 3 em 1 de reportagens independentes. Entretanto, alguns dos textos presentes no livro, como “Frank Sinatra está resfriado” e “Nova York — A jornada de um serendipitoso”, já haviam sido previamente publicados na Esquire, revista na qual o autor trabalhou como freelancer no começo da década de 60.

De início, a grossura de Fama e Anonimato pode assustar alguns, mesmo sabendo que a obra se divide em três, uma vez que possui 535 páginas, que incluem o posfácio do autor, as três obras, um apêndice e um posfácio. Porém, ao decorrer do livro, a fluidez e a escrita fácil do jornalista fazem com que a quantidade de páginas torne-se até reconfortante para aqueles que, como eu, não queriam que o livro acabasse tão cedo.

Como dito até pelo próprio autor no prefácio do livro, a primeira parte representa sua visão imatura de Nova York como um geral, enquanto “A Ponte”, que representa a segun-

da parte, tem uma escrita menos “difusa” e até um pouco mais lenta, se comparada com o dinamismo e caos da reportagem anterior, uma vez que em “A Ponte”, Talese focou apenas na história da construção da ponte Verrazano-Narrows e aqueles que lá trabalhavam. Enquanto isso, a última parte tem como base o perfil de várias figuras notórias da época, como Frank Sinatra, e o jogador de beisebol Joe DiMaggio. E o mais impressionante? Gay Talese fez o perfil de Sinatra sem nem sequer realmente entrevistá-lo, já que o cantor nunca respondia suas perguntas.

“Nova Iorque — A jornada de um serendipitoso”, obra que decidi dar atenção especial, coloca o holofote em personagens insignificantemente significantes para a cidade, como Jim Torpey, que “opera as lâmpadas do painel de notícias da Times Square” e George Bannan, “o cronometrista oficial do Madison Square Garden”. Com sua incrível observação aos detalhes, Talese consegue escrever o perfil desses desconhecidos de forma fascinante e inusitada, fazendo com que pareçam celebridades dignas de tapete vermelho e letreiros coloridos na própria Times Square.

Além disso, o que faz a primeira parte do livro se destacar é como o autor apresenta o cotidiano de Nova Iorque com a ajuda de um punhado de estatísticas incomuns (você sabia que um público médio em uma partida de beisebol no Yankee Stadium usa mais de 38 litros de sabonete líquido por partida?). O excesso de números que distribuídos não tão uniformemente pela obra poderiam facilmente tornarem-se cansativos e entediantes de ler se fossem escritos por outra pessoa. O jornalista tem a habilidade de fazer com que a menção dos “duzentos vendedores de castanha, 300 mil pombos e seiscentas estátuas e monumentos” seja de grande importância para o andamento do livro, resumindo exata-



Capitu recomenda

mente todo o encanto desse texto: a notoriedade que Talese dá para o mínimo.

De um modo geral, Fama e Anonimato mostra três lados completamente diferentes da Big Apple, fazendo-a incrivelmente multifacetada ou até, como o autor escreve no livro, “esquizofrênica”. Para jornalistas e até mesmo estudantes, esse livro com toda certeza é indispensável em sua lista de leituras, já que não só o livro mas também o escritor são de grande influência na área até hoje. Por outro lado, para aqueles que sentem um interesse a mais na megalópole mundial que é Nova Iorque, esqueçam tudo o que vocês sabem sobre a cidade e leiam essa obra-prima de Gay Talese.



HIROSHIMA: UM RELATO ETERNO SOBRE A HUMANIDADE

Bruna Sales

Frente ao fim da Segunda Guerra Mundial, com o bombardeamento atômico das cidades Hiroshima e Nagasaki, era preciso compreender a magnitude do estrago físico e, principalmente, emocional que o ataque trouxera não só aos japoneses, mas ao mundo. John Hersey, em seu livro Hiroshima, liderando a lista de “melhores reportagens do século XX”, explica belamente em pouco mais de 30 mil palavras o que uma explosão é capaz de fazer à protagonista das vítimas do episódio: a humanidade.

De cara, em Um clarão silencioso, Hersey apresenta as seis personagens que vão dar vida ao relato da explosão: Srta. Toshiko Sasaki, Dr. Masakazu Fujii, Sra. Hatsuyo Nakamura, Padre Wilhelm Kleinsorge, Dr. Terufumi Sasaki e Reverendo Kiyoshi Tanimoto. O autor as apresenta, no entanto, não em qualquer circunstância, mas na que antecede o caos das oito horas e quinze da manhã do dia 6 de agosto de 1945. Aqui, em um relato sucinto porém essencial, Hersey começa a dar embasamento ao preceito que acompanha a reportagem do início ao final: o horror tem nome, idade e sexo, assim como afirma Matinas Suzuki Jr em seu texto Jornalismo com H.



Capitu recomenda

O fogo é o capítulo que inicia a construção do cenário de desespero, confusão e sangue que se sucede ao ataque. A narrativa se concentra primordialmente na percepção humana do entorno, deixando de lado quaisquer dimensões técnicas que um jornalista se preocuparia em trazer, como o tipo da bomba, o seu epicentro, a estratégia do inimigo etc. Hersey genialmente se limita ao panorama que se entendia até então — da cidade envolta em névoa e fumo, dos pedaços de pele soltos, da inexpressividade dos rostos, dos desabamentos infinitos. Assim, sem romantismo ou idealização, é como se o autor se voltasse ao leitor trazendo a definição do que é uma bomba atômica, sem precisar explicitá-la.

A reportagem se firma em bases sólidas a partir desse ponto, quando em Investigam-se os detalhes as histórias das personagens sobreviventes se cruzam e o recorte do texto passa do individual para o coletivo. A destruição da bomba ganha dimensão familiar, médica e religiosa, desde a coragem heróica do reverendo Tanimoto salvando feridos do parque Asano até a força do Dr. Sasaki, trabalhando no hospital da Cruz Vermelha por três dias seguidos com uma hora de sono. A exaustiva apuração de Hersey atrelada a seu tom intimista se revela fortemente a essa altura da reportagem, dando à leitura um aspecto tão imersivo quanto o que se confere hoje à realidade virtual.

O mórbido do sofrimento imediato do ataque em Hiroshima dá lugar ao vazio do sofrimento contínuo do japonês em Flores sobre Ruínas. Pouco a pouco, os sobreviventes começam a se reerguer e um exemplo de resiliência é imposto em cada história. Nesse ponto, a obra enquanto livro passa a ideia de ser mais documental do que literária, o que confere à leitura um caráter previsível. Embora a ideia de escrever o relato sob a perspectiva do afetado tenha sido certa, Hersey peca ao desconsiderar a falta de dinamismo que isso dá ao texto.

O mesmo pode ser dito sobre o Depois da catástrofe. Separado por 40 anos do retrato inicial, o capítulo de conclusão

CAPITOLINAS

deixa a desejar por seguir o mesmo estilo anterior. É claro que, mais uma vez, por trás de lentes de incrível apuração, Hersey denuncia os efeitos da bomba de forma minuciosa, agora em cima de uma vida inteira. Porém, isso não significa que não existia espaço para a anexação de uma análise mais ampla sobre a diplomacia internacional do Japão e de demais países em meio a Guerra Fria, por exemplo. Um esboço disso foi realizado no subtítulo 6, Kiyoshi Tanimoto, mas ainda sim raso e insuficiente.

Harold Ross, o fundador da revista *The New Yorker*, pediu a John Hersey um relato sobre o que significava uma cidade ser atingida pela bomba atômica. Hersey não trouxe apenas o significado, mas também a reflexão. Ele queria que a experiência do leitor fosse a mais direta possível, evitando a mediação do autor, e conseguiu isso através de um texto simples e, ainda assim, doloroso.

Hiroshima é leitura obrigatória a qualquer pessoa que busque entender a chacina atômica para além da física e do experimento de guerra; e um clássico do jornalismo literário para uma profissão carente de redefinição de moldes.





Tipografías utilizadas:
Playfair Display (Corpo de texto)
Bebas Neue (Títulos)
Papel Pólen Soft 80 gramas
Novembro de 2020

